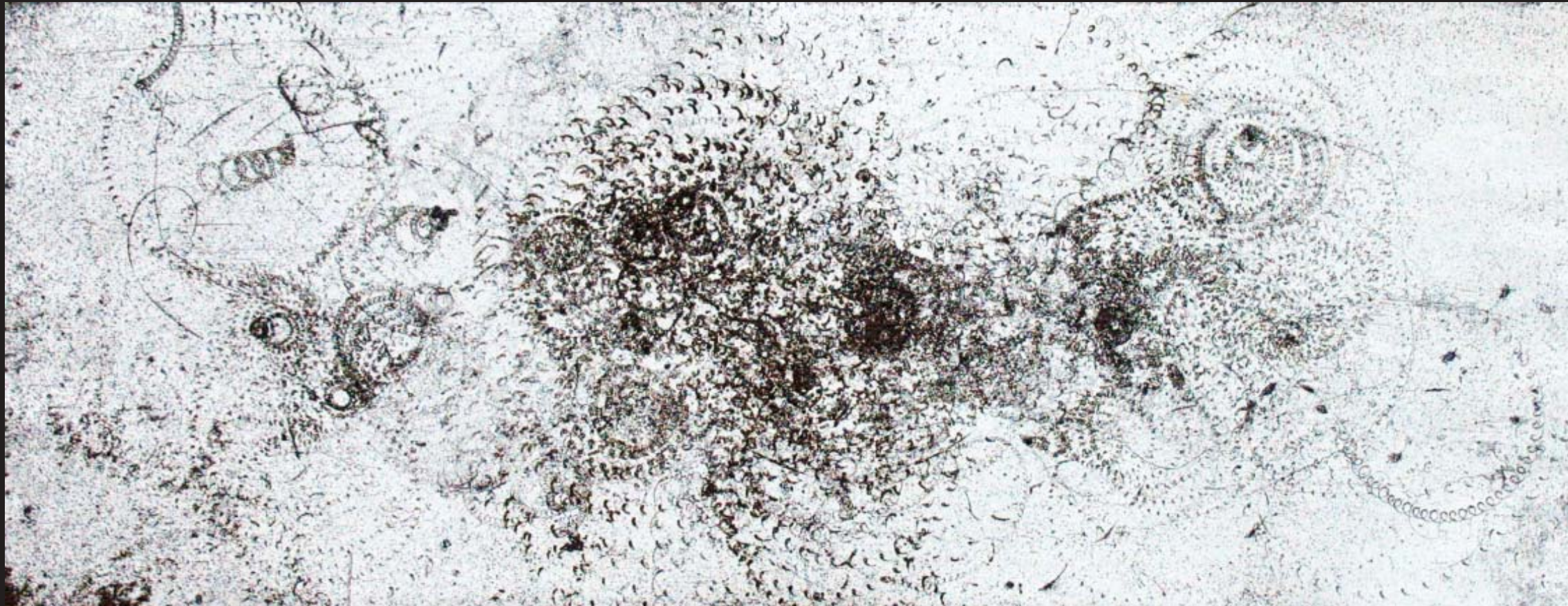


Mario Gruber e a metafísica dos planos



“Para a América Latina a opção é clara: integração ou atraso”
Franco Montoro

PARAFISÍCA
No espaço-curvo nasce um crisantempo
(para Mario Schenberg)

Haroldo de Campos

“Não há formulas, nem normas, que possam salvar uma obra de arte onde não exista o poder de invenção”.

Koellreutter

“A tragédia da nossa história tem um nome: isolamento”.
Darcy Ribeiro

Nascemos numa geração repleta de desafios e o principal deles é superar a fragmentação social, seja individual, coletiva, nacional ou global. Como brasileiros, sentimos que as décadas de 70, 80 e 90, vieram a reboque de muitos acontecimentos culturais polarizados por liberdade e repressão. Era o início de uma “orfandade histórica”, provocada pelo obscurecimento da história causado no período da ditadura militar. Nossa geração cresceu no individualismo. Houve uma cisão da sociedade, as coisas passaram a vir de cima para baixo. É como se o Brasil fosse um grande “iceberg”, fissurado em duas metades, deixando restar entre elas uma terceira parte. Sobre esta nascemos e ficamos agarrados sem escolha. E viemos, boiando, sobre o imenso oceano dos fatos políticos que transformaram a população brasileira num conglomerado que talvez se possa chamar o das “gerações flutuantes”.

Flutuantes em relação à história, cortada pela censura existente nos modelos de identidade propostos pela comunicação de massa que jamais expuseram nossos intelectuais, criadores e a diversidade brasileira na sua devida força de representação.

Flutuantes pelo desconhecimento da dimensão real de nossos criadores, pois a ditadura fragmentou o bloco cultural brasileiro irreversivelmente - em duas e múltiplas partes. O conflito de gerações se acentuaria muito a partir daí. Guerra ideológica e de identidade, confusão entre “nacionalismo e universalismo” nos

dividiriam desde os anos 40 até o final do período da repressão militar. Dicotomias como a de engajados e alienados, direita e esquerda, comunistas e capitalistas, perduram, deixando para nós todos os “fragmentos” de história “mal contada”. Aliás, arte e estética reproduziram os mesmos conflitos na cena cultural.

Essa exposição não poderia transcender tantos fatos, mas é tratando, principalmente, do aspecto experimental da obra gráfica de Mário Gruber, sua figura histórica, e uma de suas afirmativas a esse respeito que talvez possamos buscar alguma clareza:

- vocês não fazem idéia do quanto a ditadura silenciou o povo deste país. Nas ruas, não se vê mais aquela voz vinda da capacidade de união e de indignação mediante os fatos.

O silêncio descrito pelo Mário faz sentido. Pois, se existiam grupos que tentavam romper o silêncio instaurado, outra força impedia a comunicação entre eles. E se para estes grupos esta incomunicabilidade imposta constituía uma anomalia, para nós, da geração atual, este isolamento é uma herança quase imperceptível e aceita como algo normal em nosso cotidiano.

“A tragédia de nossa história tem um nome: isolamento”, diria Darcy Ribeiro.

E nada, a meu ver, poderia traduzir melhor o sentimento de uma geração flutuante, educada na frente das tevês, sem praticamente nenhum contato com as gerações anteriores, mais literárias e as futuras, educadas através do paradigma das redes internauticas. Como se fôssemos três gerações: anterior, presente e futura, sem buscar interação, ficamos reféns da incompreensão mútua, vivendo uma espécie de *dislexia social*.

Esta exposição pretende apontar um *caminho léxico* no que se refere a esses pontos. Vivemos a utopia, a complementaridade dos opostos e continuamos o esforço de integração entre realidades, indivíduos, coisas e gerações. Dizemos não ao *isolamento*.

Nos anos 60, Mario realizou uma série de experimentos e entre eles estão as gravuras feitas com um pião cujo efeito visual remete ao acaso, às constelações ou o clima de quebra das regras pré-estabelecidas. Um artista figurativo, herdeiro da tradição de Di Cavalcanti e Portinari se dirige para um deslocamento dentro do universo de causalidade e probabilidade. O combatente ideológico da arte

abstrata, através da apropriação de um “brinquedo”, faz da sua gravura abstração do sentido, linguagem e matéria figurativa predominante em seu pensamento. Surge no homem anti-bienais a grandeza de ampliar e integrar as qualidades visuais de seu tempo.

É um caminho inverso e semelhante ao de outra grande figura de sua geração - igual amigo comum de Mário Schenberg - o poeta Haroldo de Campos. Certo dia, Haroldo explicava sua transição do raciocínio concretista para o pop-creto. Ele, um aficionado da pintura, razão em pessoa, encontrava uma metáfora para explicar melhor este sentimento de migração das estéticas no campo visual. Apontou um retrato dele feito por Carlos Bracher, posicionado no canto direito de sua sala e disparou: “o Bracher pintou meu pai em mim”, há uma coisa arcaica neste retrato que é a reminiscência de meu pai”... Neste dia Haroldo falou também sobre atuação política, Cordeiro e o retrato de Mario Schenberg, pintado por Mario Gruber. Como Mario foi um dos “19 Pintores” vou contar outra história que amplia o caminho para a compreensão do que pretendo apontar, ou seja, aquilo que nos separa é exatamente o que nos une.

Luis Sacilotto manteve-se como o mais íntegro artista em relação ao “Manifesto Ruptura”.

Durante uma conversa ele dava a pista para esclarecer o mistério da ligação originária entre os opostos que dividiam as correntes em abstração e figuração, e posteriormente concreção e Neo-realismo. Sacilotto, mestre do Concretismo brasileiro, em suas viagens para Europa perseguiu um objetivo central: ver toda a obra de Caravaggio. E aqui está a chave para unirmos a grandeza do olhar dos pintores desta geração.

Evidentemente, Sacilotto nunca aceitaria a estética de Gruber e Gruber nunca aceitaria a estética de Sacilotto.

Ocorre que em 1985 Mario realiza na Galeria Montessanti a mostra “Arqueologia da pintura”, na qual figuram ampliações de importantes obras de Caravaggio. Mario Gruber, olhador da África brasileira e Sacilotto, admirador dos anônimos geométricos que faziam o piso das igrejas italianas, encontram-se na pintura de Caravaggio.

Na obra de ambos observamos as relações de fundo e forma, Gestalt de figuras, integração de planos e a metafísica da arte da pintura, que apesar de difundida

em duas correntes radicais opostas não deixa de ser pintura nos dois lados do rio. O pensamento serial, a tecnologia, os materiais industriais, está tudo aí, sem concessões no caminho da pintura brasileira.

Mas, retornando a obra gráfica de Mario vou lembrar que Sacilotto fazia suas últimas composições utilizando o computador. Mario, entre os anos 50 e 60 realiza uma série de experimentos ligados ao conhecimento das retículas, iniciando nas tramas de Dürer e vindo até a TV. Empunha uma Câmera Super 8, fotografa cenas da TV e, posteriormente, grava-as nas chapas de metal. Com o resultado desta transposição ele cria o encontro real da retícula gráfica com a retícula físico-luminosa das linhas do tubo da TV e justapõe diferentes tempos e procedimentos de reprodutibilidade da imagem. Inserindo o passado (gravura tradicional) no presente, levando o presente da imagem ao encontro ao passado.

E, falando em reprodutibilidade técnica, Mario admira Benjamim e cita sempre um fragmento que cabe muito bem neste contexto. Menção à uma obra de Paul Klee: “sobre o anjo que caminha de costas para o futuro olhando o trajeto através do qual ele vem”.

Bem, chega de flutuar! Vamos atracar no Porto de Santos. 1946. Mário Gruber grava “imagens proibidas” da janela de seu ateliê, na rua Tiro Onze, em frente ao armazém 5. Galeria Marta Traba. 2006. Estão presentes artistas motivados pela paisagem do Porto de Santos. Não poderia ser esta uma homenagem ao Mário, pois seus caminhos independem e foram consolidados em planos diferentes apesar de encontraram-se no “nível do mar”. Intersecção: gravura.

O Grupo Trans incita o fio condutor entre som e imagem ao interpretar musicalmente as elipses do pião arremessado muitas vezes sobre a chapa de metal, quatro décadas depois. Tal liberdade jamais foi vista na gravura brasileira. Mario Gruber e a Metafísica dos planos. Uma proposta para unir gerações, quebrar o tabu da distância entre “eles e nós”, propor a reeducação visceral das mídias e provocar diálogo real, sem a servidão hierárquica entre gerações, muitas vezes confundida com a relação premente entre tempo antigo e tempo novo, arte do presente e arte do passado, vanguarda e não vanguarda. E como na “age sticks” de Cumminngs, transcriado por Augusto de Campos, aproximem-se, “Jovem” e “Velho”, pois a gravura já os uniu. Jovens ficando velhos e velhos ficando novos nesta arqueologia mínima da pós-modernidade.

Saulo di Tarso
Artista visual, curador da mostra

Oficinas

terças, quartas e quintas - 14h30

- Papel como linguagem - Eliana Anghinah
- Monotipia - Ângela Barbour
- Gravura - Ulysses Bôscolo

Debates

• 23/05 - 19h00

Mario Gruber fala sobre sua trajetória

• 27/05 - 14h00

MESA PÚBLICA

Criação da Trienal Internacional de Gravura de São Paulo

O encontro debaterá a criação da Trienal que tem como objetivo divulgar a produção da gravura tradicional e suas vertentes, até a apropriação dos meios digitais.

Presidência: Fernando Leça

Coordenação: Saulo di Tarso

Debatedores: Mario Gruber, Leonor Amarante, Ernesto Bonato, Ângela Barbour, Ulysses Bôscolo e Fabrício Lopes

Inscrições: No local.

Governador do Estado de São Paulo
Claudio Lembo

Secretário de Estado da Cultura
João Batista de Andrade

FUNDAÇÃO MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA

Presidente
Fernando Leça

Chefe de Gabinete da Presidência
Fernando Calvozo

Diretor do Centro Brasileiro
de Estudos da América Latina-CBEAL
Eliézer Rizzo de Oliveira

Diretor Financeiro Administrativo
Sergio Jacomini

Diretor de Atividades Culturais
Felipe Macedo

GALERIA MARTA TRABA
Gerente
Adriana Beretta

Produtora Cultural Artística
Ângela Barbour

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÃO

Gerente / Editora Executiva
Leonor Amarante

Diagramador
Sergio Kodama

Estagiários
Jakson Fontes
Luciana Sandrini

ASSESSORIA DE IMPRENSA

Eduardo Rascov
Paloma Varón

agradecimentos

Caetano Ferrari, Angélica Ferreira, Anderson Rei, Fausto Chermont, Leonor Amarante, ateliê Espaço Coringa e ateliê Piratininga

Galeria Marta Traba

Fundação Memorial da América Latina

Av. Auro Soares de Moura Andrade, 664, portões: 1, 4 e 5
01156-001 Barra Funda - São Paulo - SP - tel.: (11) 3823-4704
www.memorial.sp.gov.br



SECRETARIA DE ESTADO
DA CULTURA



Mario Gruber e a metafísica dos planos



Curadoria
Exposição

Saulo di Tarso
11 de maio a 04 de junho de 2006
Galeria **Marta Traba**

45

o velho prega
cartazes
Fique
A Distância)&

o jovem os ar
ranca(o
velho
grita Não

Ultra)&(pas)
o jovem ri
(se
o velho

ralha Proib
ido Pare
Não De
ve Não Pode

&)o jovem vai
em frente
fic
ando velho

e. e. cummings
por Augusto de Campos

Poem(a)s - 1988
Livraria Francisco Alves Editora S.A.